

LINGUASAGEM

PROJEÇÕES METAFÓRICAS EM LIBRAS: PROCESSOS COGNITIVOS SUBJACENTES DA FORMAÇÃO DA LINGUAGEM

Pedro Paulo Ubarana de SOUZA¹
Ricardo Yamashita SANTOS²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar que metáforas conceptuais na Língua Brasileira de Sinais – Libras alicerçam a linguagem assim como em qualquer língua. Baseado na proposta teórica da metáfora conceptual, oriunda da Linguística Cognitiva, abordada pelos autores Lakoff e Johnson (1980), analisaremos que embora Libras seja considerada uma língua viso-espacial, sua gramática se elabora sob os mesmos aspectos cognitivos que uma língua convencional. Para isso, analisamos o que é Libras, qual sua importância para os surdos e seu desenvolvimento cognitivo, e como as metáforas conceptuais aparecem através dos próprios sinais da língua. Através dessa análise, percebemos que não só a metáfora conceptual se faz presente, como ela se organiza como um aparato cognitivo fundamental para a construção da linguagem.

Palavras-Chave: Metáfora; Conceptual; Surdez; Libras

ABSTRACT

This article wants to show that conceptual metaphors in the Brazilian Sign Language – Libras support language as well as any language. Based on the theoretical proposal of the conceptual metaphor from Cognitive Linguistics, discussed by Lakoff and Johnson (1980), we'll analyze that although Libras is considered a visuospatial language, its grammar is elaborated under the same cognitive aspects as a conventional language. For this, we analyse what is Libras, what its importance to deaf people and their cognitive development and how conceptual metaphors appear through the signs of the language itself. Through this analysis, we realize that not only is the conceptual metaphor present, but also organizes itself as a fundamental cognitive apparatus for the construction of language.

¹ Formado em Geografia pela Faculdade Anhanguera. Especialista em Libras pela UnP – Universidade Potiguar. E-mail: ubarana_p@hotmail.com

² Doutor em Linguística Teórica e Descritiva pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2014). E-mail: r.yamashita@unp.br

Keywords: Metaphor; Conceptual; Deaf; Libras

Introdução

Nos últimos anos, é perceptível o aumento do número de artigos acadêmicos dos chamados Estudos Surdos, principalmente devido ao trabalho executado pelas professoras Ronice de Quadros e Marianne Stumpff vinculadas à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. No mesmo período, também é notório o aumento do número de artigos falando sobre os estudos das metáforas conceptuais, que começou nos anos de 1980 com os estudos de Lakoff e Johnson (1980). Este artigo, então, tem como objetivo unir o estudo da Libras com o estudo das metáforas conceptuais, e mostrar que a metáfora conceptual está tanto presente na Libras, uma língua viso-espacial, quanto nas línguas orais.

É incontestável que surdos e ouvintes possuem experiências físicas e culturais diferentes. Para o surdo, a visão será ainda mais influente para o seu processo de significação e compreensão do mundo que o cerca, visto que o sentido da audição está pouco presente ou totalmente ausente de suas vidas. Mas será que o surdo é um deficiente? A ausência da audição impede o seu desenvolvimento cognitivo? A língua viso-espacial preenche todos os critérios linguísticos de uma língua genuína?

A Libras (Língua Brasileira de Sinais) é a língua oficial dos Surdos no Brasil sendo reconhecida como segunda língua do Brasil pela lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, e regulamentada pelo decreto 5626/2005 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O surgimento da Libras no país começou ainda no século XIX com a chegada do surdo francês Eduardo Huet ao Brasil e com a fundação do Imperial Instituto de Surdos Mudos. Com o termo surdo-mudo já tendo sido desmistificado, a escola mudou de nome para Instituto Nacional de Ensino de Surdos – INES.

[...]tem como missão institucional a produção, o desenvolvimento e a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos na área da surdez em todo o território nacional, bem como subsidiar a Política Nacional de Educação, na perspectiva de promover e assegurar o desenvolvimento global da pessoa surda, sua plena socialização e o respeito às suas diferenças (MEC, 2018).

Desde Aristóteles até mais da metade do século XX, a metáfora foi tida como um desvio da linguagem, um recurso artístico/estilístico, ou retórico, presente massivamente em discursos literários. Somente no final dos anos 1970, dois pesquisadores, Lakoff e Johnson, motivados pela ampliação dos estudos das ciências cognitivas, organizaram seus estudos no que eles vêm a chamar de Metáforas Conceptuais. Nessa visão, eles defendem que compreendemos o significado de mundo e o expressamos através da linguagem, seja ela oral, escrita ou visuoespacial, a partir da experiência corpórea associada aos contextos socioculturais. Esse pressuposto ainda traz mais um conceito: a mente corporificada.

A estrutura deste artigo busca trilhar um caminho mais simples para a compreensão do leitor, começando a partir das definições de surdez, passando pela utilização de Libras pelos surdos, chegando no conceito de metáfora conceptual e sua importância no que diz respeito ao entendimento de mundo que temos, até chegarmos ao conceito das metáforas conceptuais em Libras. Para isso, utilizaremos um vasto material bibliográfico com a presença de nomes renomados como: Lakoff e Johnson (1980;2002), Sacks (1990) e Skliar (2001).

Surdez: diferentes dimensões

A ausência de audição, segundo Costa (2003), impede que as pessoas com essa característica conheçam os sons, e assim possuam dificuldades para se comunicar oralmente. A Secretaria de Educação Especial/MEC em seu Documento da Política Nacional de Educação especial, caracteriza a surdez como “perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da capacidade de compreender a fala através do ouvido.”

Sales et al. (2010) classifica os graus de surdez em cinco níveis: normal (0 a 25 decibéis), leve (25 a 40 decibéis), moderada (41 a 70 decibéis), severa (71 a 90 decibéis) e profunda (acima de 90 decibéis). Esses graus afetarão diretamente na percepção dos ruídos no indivíduo, visto que diferentes ruídos proporcionam diferentes intensidades sonoras como explicitado no quadro a seguir (Figura 1).

A perda auditiva e o grau da deficiência afetarão diretamente a capacidade do sujeito de se exprimir oralmente, porém não impedirão o seu desenvolvimento cognitivo e o aprendizado de línguas visuoespaciais. Apesar de ser comum vermos casos de surdos que não possuem um total desenvolvimento cognitivo, isso está ligado diretamente a ausência de língua visuoespacial. Para Santana (2007), crianças surdas, filhas de pais ouvintes, em sua maioria, tem grande dificuldade no seu desenvolvimento

cognitivo, pois nem elas conseguem se comunicar com a língua materna de seus pais, nem seus pais conseguem se comunicar com a língua materna delas, muitas vezes devido ao total desconhecimento da Libras. Santana (2007) também aponta que, por meio da Libras torna-se possível abordar qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou racional, complexo ou simples.

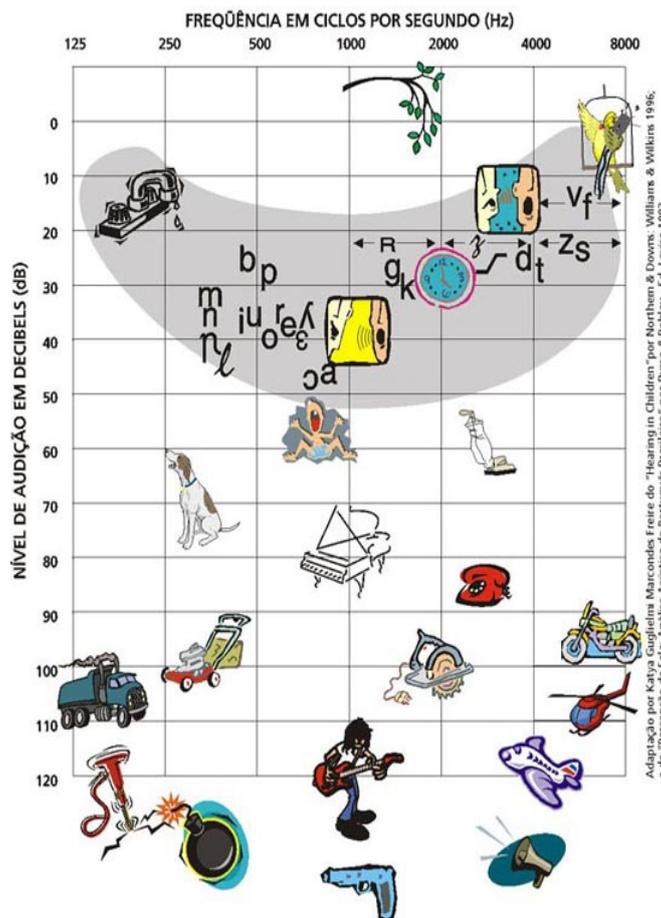


Figura 1 - Tabela exemplificando ruídos em decibéis
 Fonte: Russo e Behlau (1993)

Com os avanços tecnológicos relacionados às próteses auditivas há um grande ganho na audição dos usuários. Entretanto, a crença miraculosa na solução da surdez com os implantes cocleares vem fazendo com que muitos pais deixem de lado o ensino de Libras e com isso dificultem o desenvolvimento cognitivo do seu filho na sua primeira infância. Além disso, ainda há a possibilidade do sujeito surdo não se adaptar ao implante coclear, e como afirma Santana (2007) não é possível garantir a funcionalidade do implante no processo de aquisição da linguagem, processo este

complexo. Os surdos que realizam a cirurgia de implante coclear podem, algumas vezes, captar a linguagem oral e sua aquisição de forma proficiente, outras vezes não.

Para Sales et al. (2010):

[...] o indivíduo com incapacidade auditiva é aquele cuja percepção de sons não é funcional na vida comum. Aquele cuja percepção de sons ainda que comprometida, mas funcional com ou sem prótese auditiva, é chamado de pessoa com deficiência auditiva.

Já para Campos (2014), o surdo é:

[...] aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social.

Dessa maneira, podemos concluir que a definição de pessoa com deficiência auditiva implica em uma incapacidade, enquanto a definição de sujeito surdo considera-o apenas uma pessoa com um sistema diferente de linguagem. Assim, optaremos pela utilização de sujeito surdo/sujeito com surdez durante a construção do artigo, visto que estaremos tratando o surdo como um utilizador de um sistema diferente de língua, e não como uma pessoa com deficiência.

Libras: Uma breve história

Libras é a abreviação para Língua Brasileira de Sinais. Essa é a língua oficial dos surdos no Brasil, e considerada como segunda língua oficial do Brasil pela lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5626/2005. De acordo com a própria lei, a Libras é tão língua quanto a nossa língua portuguesa:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Segundo Moura (2000), durante vários séculos, pensadores das mais diferentes épocas consideravam o surdo incapaz de responder por seus atos e não poderiam ser educados. No século IV a. c., Aristóteles, um dos grandes filósofos gregos, considerou a linguagem como uma condição humana ao homem. Assim os surdos eram considerados não humanos por não se comunicarem por meio da linguagem oral, sendo caracterizado como incapazes. Na Idade Média, esta visão acerca da surdez ainda permanecia, e a Igreja Católica discriminava as pessoas com deficiência. A justificativa para ela seria

que o homem foi criado “a imagem e semelhança de Deus”, dessa maneira, estes indivíduos eram marginalizados, não sendo considerados humanos.

Até o século XV, os surdos eram mundialmente aceitos como pessoas ineducáveis. A partir do século XVI, essa visão começa a mudar, e surgem pessoas que desmistificam a ideia do surdo como alguém que não poderia ser educado, como Pedro Ponce de León, Juan Pablo Bonet e John Bulwer (Carvalho, 2007). Estes trabalharam arduamente na educação de surdos provando que, apesar de todas as dificuldades que a falta de um método adequado impunha, era possível ensinar a surdos.

Em meados do século XVIII, Charles Michel de L'Épée reconheceu que a língua gestual fazia parte da vida dos surdos. L'Épée contribuiu grandemente para a comunidade surda criando uma filosofia manualista e oralista, que ensinaria ao surdo através de instruções mímicas e da repetição de sons e leitura labial. Segundo Gremion (1998, p.47), esta seria a primeira vez na história que a comunidade surda adquiriu o direito de se comunicarem na língua materna (língua de sinais). O método de L'Épée deu origem ao conceito de gestualismo. Segundo Lacerda (1998, p. 7):

[...] a linguagem de sinais é concebida como a língua natural dos surdos e como veículo adequado para desenvolver o pensamento e sua comunicação. Para ele, o domínio de uma língua, oral ou gestual, é concebido como um instrumento para o sucesso de seus objetivos e não como um fim em si mesmo. Ele tinha clara a diferença entre linguagem e fala e a necessidade de um desenvolvimento pleno de linguagem para o desenvolvimento normal dos sujeitos.

No Brasil, o ensino de surdos começa a existir em 1855 com a chegada do educador francês Hnest Huet. Ele, juntamente ao imperador D. Pedro II, funda em 1857 o Imperial Instituto de Surdos Mudos (Lei número 939, de 26 de setembro de 1857). Esse instituto vigora até os dias de hoje com o nome de Instituto Nacional do Ensino de Surdos – INES. Segundo Reis (1992) o interesse de D. Pedro em abrir um instituto para o ensino de surdos no Brasil se deu pelo fato de a Princesa Isabel ser mãe de um filho surdo e casada com o Conde D'eu, parcialmente surdo.

O ensino da língua de sinais por Huet, no Brasil, teve grande influência da escola francesa, sendo inclusive o nosso alfabeto manual é muito semelhante ao do país europeu. Durante muitos anos, famílias abastadas de outros países da América do Sul, com membros surdos, viajavam até o Brasil para conhecer o Instituto e proporcionar educação aos seus familiares.

No ano de 1880 a comunidade surda sofreu uma grande derrota com o Congresso de Milão que proibiu o uso de línguas de sinais no mundo. Os palestrantes do congresso acreditavam que o método com leitura labial era o mais indicado para educar as pessoas surdas. Apesar da maioria dos surdos terem continuado a se comunicar através de línguas de sinais, esse decreto atrasou bastante a difusão das línguas gestuais. Como afirma Skliar (2005), o Congresso de Milão constituiu não o começo do oralismo, mas a sua legitimação oficial. Tratou-se de um marco histórico que cristalizou a hegemonia do ouvir e do falar, e que se desdobrou em uma série de reformulações nas estruturas, nos currículos e nas metodologias de várias instituições de então.

Segundo Cuberos *et al* (1993, p. 395 e 398):

Os oralistas, sempre que seja possível a linguagem oral, inclinam-se exclusivamente a esta forma, por pensarem que o uso da linguagem gestual estruturada, que em princípio pode facilitar a comunicação, dificulta a evolução natural da linguagem oral que é muito mais rica e com a qual terá de comunicar, já que a maioria da sociedade é ouvinte. [...] a linguagem gestual não tem correspondência exata com nossa linguagem oral [...]

Em 1951, a comunidade surda resolve se unir e funda a *World Federation of the Deaf* – WFD (Federação Mundial de Surdos) com o objetivo de lutar pelos direitos das pessoas surdas. Nesse mesmo ano, no Brasil, ocorre a regulamentação do ensino do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos-Mudos. Esse curso foi determinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra e assinado pelo Ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariano (SOUZA, 1999). O Decreto tinha o objetivo de alfabetização da comunidade surda em todo o território nacional. Porém, todo esse processo de alfabetização e ensino da criança surda acontecia através do oralismo, o que demandava muito tempo e esforço, como diz a própria presidente do INES na época Ana Rimoli de Faria Dória.

Em 1971, no Congresso Mundial de Surdos, realizado em Paris, são apontados diversos estudos e pesquisas, desenvolvidos majoritariamente na Universidade de Gallaudet, sobre a Comunicação Total. Nessa corrente, segundo Ciccone (1990), o surdo é concebido de forma diferente do que os oralistas pensavam: ele não é visto só como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa. Porém, apesar dos defensores da

teoria adotarem qualquer método que facilite o aprendizado do surdo, como a linguagem sinalizada, eles não admitem uma língua própria, e sim a língua do país traduzida para os sinais, como o português sinalizado, por exemplo.

Quatro anos após o Congresso de Paris, ocorre o Congresso de Washington. Nele, praticamente de forma unânime, todos os presentes concordaram que o oralismo tinha prejudicado toda a comunidade surda durante quase cem anos. Esse pensamento acarretou em uma nova era para a condução da formação e desenvolvimento educacional dos surdos: o bilinguismo (Kojima; Segala, 2003). Para Pedroso (2010), o bilinguismo é, até os dias atuais, a melhor proposta para a comunicação e educação de surdos. Ela é uma língua em sentido técnico, uma língua gestual e espacial, e que deve ser a primeira língua do surdo. Fala-se bilinguismo porque o surdo, nessa perspectiva, dominará tanto a língua de sinais, quanto a língua alfabética escrita de seu país, sendo, portanto, bilíngue.

Para Quadros (1997, p. 27):

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito.

Hoje, no Brasil, a ideia na educação de surdos é voltada ao Bilinguismo. A Libras é considerada a língua natural do surdo brasileiro, com um sistema linguístico legítimo, e seus usuários são capazes de expressar tudo que uma língua oral conseguiria.

Metáfora: uma introdução teórica

Etimologicamente falando, metáfora deriva do termo grego *metaphorá* que é a junção de dois elementos: *meta* que significa “sobre” e *phrein* que significa “transporte”, “mudança”, “transferência”. O que nos traria a definição de metáfora como um “transporte de significado”.

A metáfora vem sendo objeto de estudos a alguns milhares de anos, sendo que até hoje, novos conceitos e teorias ainda surgem sobre como a concebemos. O primeiro a abordar o tema foi Aristóteles em IV a.c, identificando-a como um termo genérico para representar todas as outras figuras de retórica. Para ele, a metáfora é, segundo os capítulos 21-25 de seu livro Poética “o transporte a uma coisa de um nome que designa um outro, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da

espécie a espécie ou segundo a relação de analogia”. Este transporte de sentido implica, para ele, um desvio ao uso vulgar e corrente do nome, fazendo um pedido de empréstimo ao outro nome, cujo o significado será atribuído ao primeiro. Sendo assim, a metáfora surge como uma substituição de uma palavra por outra palavra em sentido figurado.

Até o século XVIII, o pensamento sobre metáfora ainda era todo baseado nessa concepção aristotélica. O poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, um dos precursores do romantismo, se opõe a visão clássica do conceito de metáfora e afirma que a metáfora pode ser definida como “*imagination in action*” (John Constable, I. A. Richards, 2001). Desta maneira, a metáfora seria indissociável da linguagem no seu todo, já que a linguagem é essencialmente metafórica.

No final do século XIX e início do século XX, a metáfora passou a merecer maior atenção por parte dos estudiosos da linguagem. Segundo Honeck (1980), os estudos partiram basicamente de quatro áreas: da psicologia experimental, com os estudos de Bühler, Binet, Henri e Piaget sobre a natureza do pensamento na linguagem figurada, e de Werner, Asch, Osgood e Brown, sobre as origens da linguagem figurada; da tradição retórico-filosófica, com Richards e Black, e suas teorias interacionais; da linguística, basicamente com Chomsky que, por volta de 1965, incorpora os traços semânticos à sua teoria e considera a metáfora como uma violação das suas regras lexicais; e da psicologia dinâmica, com Freud e Benjamin, que pesquisaram sobre as fontes motivadoras e consequências da metáfora.

Durante a década de 1960, os linguistas e psicólogos desviaram seu foco de estudo da semântica, devido ao grande envolvimento que todos estavam tendo com o Gerativismo proposto por Chomsky. Somente a partir dos anos 1970, com o processamento das informações passando a ser o grande foco de atenção dos estudiosos da linguagem, o interesse pela linguagem figurada ganhou novo impulso. Vários artigos, congressos e simpósios começaram a surgir, todos eles tentando entender a função da metáfora em várias áreas relevantes (filosofia, psicologia, linguística, psicanálise, antropologia, sociologia etc.). Isso foi responsável por levantar novas discussões acerca da metáfora e os processos envolvidos para a sua concepção e compreensão.

Dentro desses estudos começam a surgir teorias que sugerem que ao invés de uma mente autônoma, como é teorizado no gerativismo, existam relações cognitivas e sociais que surgem em nossa linguagem como faróis de sentido, facilitando assim nossa

compreensão de mundo. A metáfora, portanto, não seria um empecilho para essa construção, mas um farol utilizado no processo de significação do mundo, uma operação cognitiva que realizamos através da nossa relação com a sociedade que vivemos.

Uma das pesquisas que merecem destaque é a de Reddy, intitulada *The conduit metaphor* (1979), que foi traduzida ao português como *A metáfora do canal*. Nesse estudo, Reddy analisa a metalinguagem na comunicação. Na análise de fala de alguns nativos de língua inglesa, apareceram enunciados como “Você ainda não me deu nenhuma ideia do que queira dizer”, “Você deve colocar cada conceito em palavras com muito cuidado”. Para o autor, essas frases mostram o que ele definiu como “metáfora do canal”. Com isso, ele percebeu que usamos metáforas para falar da nossa própria comunicação. Para a comunicação ser completa o receptor deve receber os significados que vem através das palavras, até a sua mente, como se as ideias fossem objetos que são transportados de um lugar para outro. Ao perceber essa realização metafórica, Reddy começa a desbancar a concepção tradicional de metáfora aristotélica que perdurava, até então, por mais de dois milênios. Assim, Reddy mostra que a distinção entre objetividade e subjetividade não faz mais tanto sentido ao falarmos sobre as nossas concepções de mundo.

Em 1980, Lakoff e Johnson escrevem o que pode ser considerado o livro que quebrou o mito do objetivismo, *Metaphors we live by* (1980), traduzido ao português como *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002). Nessa obra, os autores mostram que isso que Reddy chama de Metáfora do Canal, é uma das metáforas conceptuais apresentadas por eles: IDEIAS SÃO OBJETOS³. Além disso, essa obra também está associada a um novo momento das chamadas Ciências Cognitivas, na qual a proposta chomskyana de que produzimos linguagem de um modo autônomo através de um racionalismo cartesiano e de uma biologia inata, começa a dar sinais de inconsistência. Neste ponto, o que entra em voga é a noção de Realismo Experiencialista, ou Experiencialismo (LAKOFF; JOHNSON, 1980 [2002]).

Esse conceito se opõe ao modelo proposto por René Descartes (1637), o cartesianismo, que defendia a dissociação do corpo e da mente, com o primeiro sendo visto como uma máquina e de responsabilidade da medicina, e o segundo sendo de responsabilidade da filosofia e da religião. Já no século XVIII, alguns filósofos se

³ Optamos por utilizar a formatação das metáforas conceptuais em caixa alta para seguir o modelo proposto por Lakoff e Johnson (1980)

opuseram a teoria cartesiana, como o escocês David Hume. Ele defendia que o conhecimento humano é constituído por impressões e ideias. As impressões seriam os dados primitivos recebidos através dos sentidos; as ideias, cópias que a mente recolhe dessas mesmas impressões as quais perdurariam uma vez desaparecidas estas últimas. Como as ideias não têm valor em si mesmas, o conhecimento é obtido a partir da conexão entre as ideias seguindo os princípios da semelhança. É o próprio Hume (1973, p.137) que declara:

[...] embora o fato de as diferentes ideias se ligarem umas às outras seja demasiado evidente para ter escapado à observação, não vejo que algum filósofo tenha procurado enumerar ou classificar todos os princípios de associação. Ora, este é um assunto que bem parece merecer um pouco de atenção. Quanto a mim, creio existirem apenas três princípios de conexão entre as ideias, a saber: a semelhança, a contiguidade de tempo e lugar e a causa ou efeito.

Essa visão de Hume influenciou diretamente a corrente filosófica da fenomenologia, a qual teve grande influência na construção do conceito de experientialismo defendidos por Lakoff e Johnson (1980). Maurice Merleau-Ponty, um dos maiores filósofos da fenomenologia, traz o conceito de corporeidade em sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1945 [1999]), sendo inclusive citados pelos autores Lakoff e Johnson na obra *“Philosophy in the flesh...”* (1999):

Finalmente, nós queremos agradecer a aos dois maiores filósofos da mente corporificada. Qualquer livro que contenha as palavras “filosofia” e “carne” no título precisam expressar a sua óbvia dívida a Maurice Merleau- Ponty. Ele usou a palavra carne para nossa experiência corporificada primordial e procurou focalizar a atenção da filosofia no que ele chamou de “a carne do mundo”, o mundo no qual nós o sentimos vivendo nele.⁴

Essa nova ideia de Realismo Experientialista, abordada por Lakoff e Johnson, parte do princípio que nossa mente possui uma funcionalidade corporificada. Esse entendimento traz consigo uma mudança da maneira de se entender a construção da linguagem que vai se fundamentar em alguns pressupostos como: a mente corporificada. (*Embodied Mind*); o surgimento do pensamento vindo de um nível inconsciente, diferentemente de um pensamento racional consciente de base cartesiana, já que o processamento dos constructos linguísticos e conceituais são ativados através dos domínios evocados e que estão na base da produção de nossa linguagem; A

⁴ Em tradução livre.

formulação de conceitos abstratos através de metáforas entendidas através de nossa experiência, e não pautada em uma logicidade abstrata, dissociada de qualquer vínculo experiencial; e a não divisão da mente em módulos, mas sim um trabalho com conexões neurais que seriam motivadas pela nossa interação e o modo como mesclamos linguagem, cognição e cultura.

Metáfora Conceptual: desdobramentos da proposta experencialista

A partir desse pensamento, Lakoff e Johnson (1980) chegam à conclusão que a metáfora extrapola os limites estilísticos presentes na poesia ou na retórica, e na verdade, se encontra presente em nosso cotidiano, em todos os nossos pensamentos e ações. O processo da linguagem é altamente metafórico. E se o conceito e a ação são estruturados a partir de metáforas, logo a linguagem também será.

Para eles, a metáfora pode ser entendida como uma racionalidade imaginativa, na qual a razão e a emoção se unem para a construção de um sentido. Dessa maneira, podemos utilizar da metáfora TEMPO COMO ESPAÇO, que pode ser percebida em enunciados como “o futuro está por vir”, “o passado ficou para trás” etc. Dessa maneira percebe-se que o tempo é visto como um objeto espacial, no qual você pode entendê-lo através de sua localização nesse espaço.

Vários dos nossos conceitos são formados por uma ou mais metáforas, e a experiência com o mundo físico, tanto no sentido cultural, como no sentido corpóreo, possibilita a formação de base para metaforizarmos. Por fim, as metáforas são conceituais por natureza e são um dos nossos maiores caminhos para o entendimento. Tal abordagem proposta pelos autores passou a ser chamada Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

Lakoff e Johnson (1980) definem três tipos de metáforas conceituais: orientacionais, ontológicas e estruturais. As primeiras surgem através da nossa experiência corpórea em termo de orientação espacial (cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia), o que nos dá capacidade para compreender conceitos em termos orientacionais, como exemplo: “Noite passada eu estava para cima, mas hoje estou muito pra baixo.”

As metáforas ontológicas manifestam-se da nossa experiência com objetos e substâncias físicas, e com isso acabamos por projetar características de entidade ou substância sobre algo que não tem essas características de maneira inerente, como no

exemplo: “Minha mente está cheia de problemas.” Por último, temos as metáforas estruturais que resultam na estruturação de um tipo de experiência ou atividade em outro tipo de experiência ou atividade, que pode ser vista na frase: “Hoje eu consegui enxergar a solução dos meus problemas.” A essas metáforas damos o nome de metáforas básicas, pois seu uso é convencional, inconsciente, automático e tipicamente despercebido.

Dessa maneira, podemos concluir que o mundo é construído cognitivamente através das nossas experiências sociais e sensoriais, não sendo um mundo completamente pronto, que ficou à espera para que nós nomeássemos os seus referentes. Essa construção cognitiva que fazemos é intermitente e por isso neurocientistas vem utilizando o termo plasticidade cerebral. O que eles querem mostrar através desse conceito é a nossa capacidade de readaptar nossa mente e o nosso corpo de acordo com o ambiente em que vivemos (DAMÁSIO, 1996).

Lakoff e Johnson (1999), ao falarem sobre a proposta experencialista, apresentam-nos a ideia que a metáfora é uma condição cognitiva humana que auxilia no processo de construção de sentido. Inclusive, há relatos na literatura, de surdos que ao serem apresentados pela primeira vez a uma língua, adquiriram certos conhecimentos através de metáforas. No livro *Vendo Vozes* (1990), Sacks conta o caso de quando o abade Siccard começou a tentar ensinar francês aos surdos, em especial a Jean Massieu:

Portanto, para Massieu, substantivos, nomes próprios, termos nominais vinham primeiro. Adjetivos qualificativos eram necessários, porém apresentavam problemas. Massieu não esperou pelos adjetivos, fazendo uso dos nomes de objetos nos quais via a qualidade proeminente que ele desejava atribuir a outro objeto. [...] Para expressar a velocidade de um de seus colegas numa corrida, ele disse “Albert é pássaro”; para exprimir força, afirmou “Paul é leão”; para brandura, comentou “Deslyons é cordeiro”. (SACKS, 1990, p. 29)

Nesse caso, fica clara a utilização de metáforas de personificação para auxiliar no detalhamento do mundo que Massieu percebia. Além do caso de Massieu, também temos o caso de Emanuelle Laborit uma atriz surda, francesa, e autora do livro biográfico “O Grito da Gaivota” (1993), no qual conta a sua história, desde sendo uma criança sem língua, que se comunicava apenas com sua mãe com o que ela chama de “língua umbilical”, até o descobrimento da língua gestual francesa.

Uma passagem de grande significado para a importância das metáforas no desenvolvimento cognitivo das pessoas se dá quando a autora afirma que possui lembranças de acontecimentos anteriores ao momento em que ela aprendeu língua de sinais. Porém ela não consegue colocar em ordem cronológica, pois até aquele momento ela não compreendia passado, presente e futuro:

Da minha primeira infância, as recordações são estranhas. Um caos na minha cabeça, uma sequência de imagens sem relação entre si, como sequências de um filme, montadas umas atrás das outras, com longas tiras negras, grandes espaços perdidos. Entre os zero e os sete anos, a minha vida está cheia de lacunas. Só tenho recordações visuais. Como flash-backs (sic), imagens de que ignoro a cronologia. Creio que não havia rigorosamente nada no meu cérebro durante esse período. Futuro, passado, tudo estava na mesma linha de espaço-tempo. (LABORIT, 1993, p. 12)

Entretanto através da metáfora conceptual TEMPO É ESPAÇO ela conseguiu entender:

Ontem, hoje, amanhã. O meu cérebro funcionava no presente. O que queriam dizer o passado e o futuro? Quando compreendi, com o auxílio de gestos, que ontem significava atrás de mim e amanhã à minha frente, dei um salto fantástico. Tratou-se de um progresso imenso, que aqueles que ouvem têm dificuldade em imaginar, habituados como estão desde o berço a entender palavras e conceitos repetidos exaustivamente, sem mesmo se darem conta. (LABORIT, 1993, p. 7)

Além disso, no livro, Laborit afirma a dificuldade que tinha de compreender a morte, e é possível afirmar que seu entendimento só foi possível através da metáfora VIDA É CAMINHO:

Eu não sabia o significado de morte. Tornaram a explicar-me que ele não voltaria nunca mais. “Nunca”, eu não sabia o que era. “Morte” também não. Finalmente entendi uma única coisa: morte era o fim, algo que terminava. (LABORIT, 1993, p. 23)

Com isso, fica claro que, diferentemente da proposta chomskiana que afirma que a metáfora é apenas um desvio da língua, na verdade ela é um auxílio e um produto da nossa compreensão acerca da maneira que nós percebemos e vivemos no mundo.

Metáfora Conceptual na LIBRAS: uma linguagem unificada

Os estudos analisando a presença de metáforas conceptuais em Libras ainda são incipientes. Ao redor do globo temos o casal Sherman Wilcox e Phyllis Perrin Wilcox como os grandes nomes da pesquisa envolvendo metáforas e línguas de sinais, mais

especificamente a *American Sign Language* – ASL. Em muitos de seus trabalhos eles analisam a iconicidade da ASL e como ela afeta a construção de uma língua visoespacial. Sherman Wilcox, em seu artigo *Cognitive Iconicity: Conceptual Spaces, Meaning, and gestures in signed languages* (2004) diz:

Minha afirmação é que quando vista de uma perspectiva cognitivista, a iconicidade gramatical se revela presente tanto em línguas faladas como em línguas visuais – entretanto, pelos movimentos das mãos possuírem um potencial semiótico mais predominante do que nos movimentos invisíveis dos articuladores do trato vocal, as línguas de sinais possuem uma iconicidade mais rica do que as línguas faladas.⁵ (WILCOX, 2004, p. 121)

A iconicidade nada mais é do que a semelhança existente, em signos linguísticos entre a forma e a coisa representada. Por ser uma língua gestual, em três dimensões, a Libras também irá se aproveitar de vários gestos icônicos para dar significado aos seus sinais.

Como foi explicado, uma característica universal das línguas humanas é a arbitrariedade – em geral, as palavras não parecem com seus referentes. A ASL, por outro lado, parece exibir um alto grau de iconicidade – as palavras em ASL parecem remeter às características dos seus referentes. (WILCOX E WILCOX, 2005, p. 26)

Como já mencionado, as metáforas se fazem presente em nosso dia a dia e muitas vezes expressam conceitos abstratos, ou não, através de nossas experiências culturais, sensoriais e cognitivas. Dessa maneira, podemos concluir que existem símbolos icônicos que são puramente metafóricos, e que alguns deles acabaram sendo utilizados como sinais na Libras. Um dos exemplos que podemos citar, são os sinais das palavras futuro, hoje e passado. Partindo da metáfora TEMPO É ESPAÇO possuímos sinais que referenciam o futuro estando a frente, o hoje sendo nosso atual local, e o passado sendo aquilo que está atrás de nós.

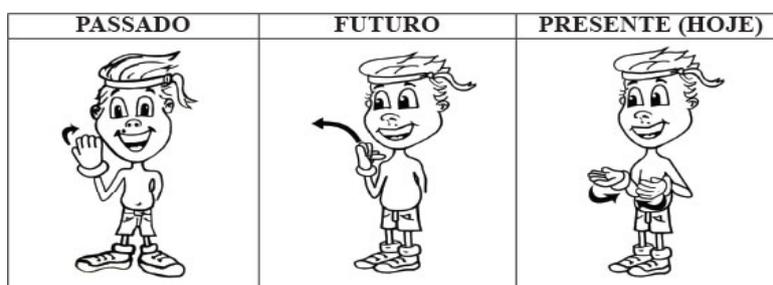


Figura 2: Sinais das palavras: passado, futuro, presente (hoje)
Fonte: STREICHEN (2013)

⁵ Em tradução livre.

Tendo esses sinais icônicos em vista, a Libras se apropria da metáfora TEMPO É ESPAÇO para moldar diversos outros sinais dessa maneira como: “ontem”, “anteontem”, “ano passado”

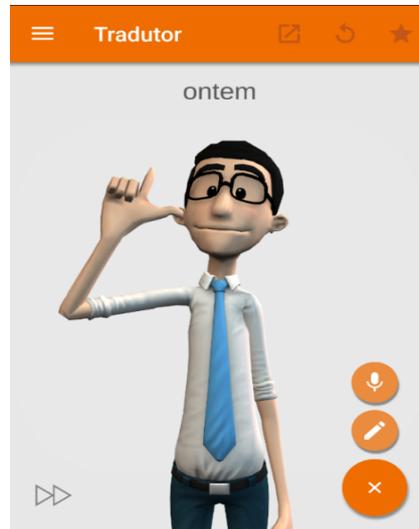


FIGURA 3: Sinal da palavra "ontem"
Fonte: Aplicativo HandTalk

Outra metáfora conceptual que podemos destacar na Libras é a de LUGAR É CONTÊINER. Nessa metáfora entendemos locais delimitados por marcações abstratas, como cidades por exemplo, como contêineres em que você poderia entrar e sair. Isso fica explicitado na frase: “Estarei saindo da cidade em dez minutos” Essa metáfora aparece no sinal de “voltar” na Libras, onde o dedo indicador é inserido na mão oposta, dando a ideia de entrar em um ambiente fechado (contêiner).



Figura 4: Sinal da palavra "voltar"
Fonte: Aplicativo HandTalk

Os sinais de “alegria” e “tristeza” também se utilizam de metáforas orientacionais que utilizam a experiência com nosso corpo em termos de orientação espacial (cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás, centro-periferia) para entendermos esses conceitos através das metáforas BOM É PRA CIMA e RUIM É PRA BAIXO.

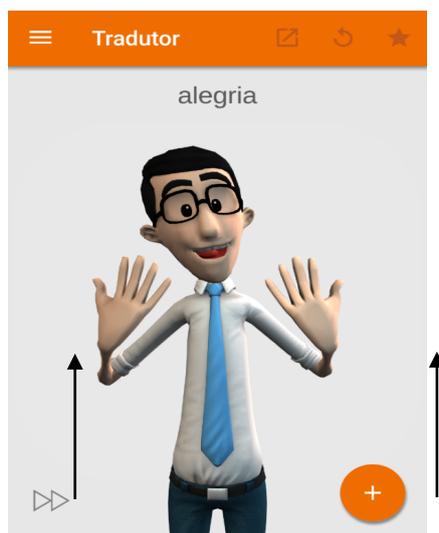


Figura 5: Sinal da palavra "alegria"
Fonte: Aplicativo HandTalk



Figura 6: Sinal da palavra "triste"
Fonte: Aplicativo HandTalk

Um fator interessante em relação ao sinal “alegria” é a interferência cultural na formação desse sinal. Enquanto para nós, ocidentais, alegria está relacionado com estar pra cima, na cultura japonesa a alegria está relacionada com uma sensação de calma.

Dessa maneira, na língua de sinais japonesa, o sinal de alegria é feito movendo lentamente a cabeça para frente e para trás.

Analisando como a experiência corpórea influencia na construção da nossa língua, podemos dizer que sinais como os de “atenção”, “concentração” e “interesse” são realizados sempre na região dos olhos, pois esse é o sentido primordial utilizado pelos surdos para o processo de significação e conceptualização.



Figura 7: Sinal da palavra "atenção"
Fonte: Aplicativo HandTalk



Figura 8: Sinal da palavra "concentração"
Fonte: Aplicativo HandTalk



Figura 9: Sinal da palavra "interesse"
Fonte: Aplicativo HandTalk

Conclusão

Após a análise de como as metáforas estão presentes, e são de suma importância, para a formação da linguagem, esperamos que este trabalho tenha obtido êxito na comprovação da presença de metáforas conceptuais na Língua Brasileira de Sinais – Libras, principalmente através de seus sinais. Destacamos também a importância da corporeidade na formação de uma língua, e como a ausência de um sentido do corpo humano, altera a nossa percepção de mundo, e dessa maneira altera-se a construção dos signos da língua.

Independente de possuir audição ou não, a linguagem, e consequentemente as metáforas existentes nela, serão criadas devido as experiências corpóreas e culturais vividas pelo sujeito, por isso é evidenciada a diferença de metáforas em sujeitos surdos ou ouvintes, assim como entre sujeitos surdos de nacionalidades e culturas distintas. Por causa disso, devemos entender que a produção linguística deve ser vista como algo da biologia humana, independente de quais meios foram utilizados para a sua construção.

Devido ao pouco acervo bibliográfico a respeito da presença de metáforas na Libras espera-se que esse trabalho contribua com as pesquisas da área e que fomente a busca por novos exemplos de metáforas conceptuais na língua e como elas afetam a construção da língua surda. Então, é de extrema necessidade a busca e a realização de mais pesquisas nesse campo de estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; PINHEIRO, Diogo. A hipótese da corporeidade na Linguística Cognitiva: o link fenomenológico. **ReVel**, São Paulo, v. 8, n. 14, jan. 2010. Disponível em: <<http://revel.inf.br>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. **Lei nº 10436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRASIL. Decreto-lei n.5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a lei n.10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei n.10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Diário Oficial da União. 23 dez. 2005.

CARVALHO, Paulo Vaz. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'Universo. 2007.

DAMÁSIO, Antonio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo. Companhia das Letras, 1996.

GREMIÓN, Jean. A proposta bilíngüe de educação do Surdo. In: **Revista Espaço: informativo técnico-científico do INES**. no10 (julho/dezembro 1998) – Rio de Janeiro: INES, 1998.

HONECK, Richard. **Cognition and Figurative Language**. L. Erlbaum Associates, 1980.

HUME, David. **Investigação acerca do Entendimento Humano**. Col. Os Pensadores. São Paulo Abril, 1973.

KOJIMA, Catarina Kizuti; SEGALA, Sueli Ramalho. **Dicionário de língua de sinais**. São Paulo: Escala 2003.

LABORIT, Emanuelle. **O Grito da Gaivota: Biografia de uma surda profunda, do berço ao êxito nos palcos do teatro francês**. 2 ed. Lisboa: Caminho, 2000.

LACERDA, Cristina. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES**, ISSN, v. 19, n. 46, p. 68-80, mar. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought**. New York: Basic Books, 1999.

MONTE, Darlice Da Silva. **A metáfora na Língua Brasileira de Sinais: Um estudo bibliográfico**. Cadernos Cajuína, Maranhão, v. 1, n. 1, p. 2-10, mar. 2016.

MOURA, Maria Cecília. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OLIVEIRA, Paula Helouise. Metáfora Conceptual e Língua Brasileira de Sinais. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 2836-2851, ago. 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3.html>. Acesso em: 01 abr. 2018.

QUADROS, Ronice Muller De. **Estudos Surdos III**. 1 ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2008.

QUADROS, Ronice Muller De. **Estudos surdos I**. 1 ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becke. Língua de Sinais Brasileira. **Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004

RAMOS, Clélia Regina. **LIBRAS: A língua de Sinais dos Surdos brasileiros**. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Data de acesso: 30 de abril de 2018.

REDDY, Michael. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: A. Ortony (Ed.). **Metaphor and Thought** (pp. 284–310). Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

REIS, Vânia Prata Ferreira. **A criança surda e seu mundo: o estado da arte, as políticas e as intervenções necessárias**. Dissertação de mestrado. UFES, 1992.

RICHARDS, Ivor Armstrong. Principles of literary criticism IN: I. A. Richards, **Selected Works 1919 – 1938, Vol III** (ed. John Constable). London: Routledge, 2001.

ROCHA, S. M. **História do INES**. S.d. Disponível em: http://portalines.ines.gov.br/ines_portal_novo/?page_id=1078 acesso em 19/04/2017.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. 1 ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SANTOS, Ricardo Yamashita. **Construções metafóricas de vida e morte: cognição, cultura e linguagem**. 2011. 79 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

SKLIAR, Carlos. **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SKLIAR, Carlos. **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997-a.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SK LIAR, Carlos (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. 2ª. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 7-32.

VILHALVA, Shirley. **Despertar do Silêncio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

WILCOX, Sherman. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. **Cognitive Linguistics**, ISSN, v. 15, n. 2, p. 119-147, jan. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1515/cogl.2004.005>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: O ensino da língua de sinais americana como segunda língua. 1 ed. Petrópolis: Arara Azul, 2005.`

Como referenciar este artigo:

SOUZA, Pedro Paulo Ubarana de; SANTOS, Ricardo Yamashita. Projeções metafóricas em libras: processos cognitivos subjacentes da formação da linguagem. **revista Linguagem**, São Carlos, v.31, n.1, jul./dez.. 2019 p. 35-56.

Submetido: 22/01/2019

Aprovado: 19/09/2019